



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA A PORTUGAL

12-15 DE MAIO DE 1982

SANTA MISSA PARA OS JOVENS

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Lisboa, 14 de maio de 1982

1. O Reino de Deus está próximo!

Sim! *“Dizei a todos: está próximo de vós o Reino de Deus!”* (Luc. 10, 9).

Foi com estas palavras que Jesus Cristo, ao enviar em missão os setenta e dois discípulos, lhes recomendou que anunciassem a Mensagem, como acabámos de ouvir no Evangelho de hoje.

Mas estas palavras são dirigidas também aos cristãos de todos os tempos: a nós, portanto, que estamos aqui reunidos em nome do Senhor, em continuidade com os discípulos que as ouviram directamente.

São dirigidas especialmente a vós, jovens, que aqui vos encontrais, esta tarde em tão grande número, cheios de entusiasmo e alegria, manifestando a vossa disponibilidade a Cristo e o vosso desejo de construir um mundo mais humano e cristão. Vós sois depositários desta grande esperança da humanidade, da Igreja e do Papa. Deus deu-me a graça de amar muito os jovens.

Por isso, gostaria de falar-vos como um amigo fala ao seu amigo, com cada um individualmente, olhos nos olhos, de coração a coração. “O Reino de Deus está próximo!”. E quase me atreperia a dizer: estas palavras são dirigidas especialmente a vós jovens portugueses, filhos de um povo de missionários que, por todo o mundo, levaram essa mesma mensagem, como acentuou o Senhor Cardeal Patriarca, Dom António Ribeiro.

Obrigado, Senhor Cardeal, pelas suas palavras. Elas confortam-me e tomo-as como promessa de continuidade, ao retribuir, a todos cujos sentimentos interpretou, as saudações. E, nesta hora, rendo homenagem de gratidão, em nome de toda a Igreja, à grande gesta evangelizadora de Portugal missionário.

O Reino de Deus está verdadeiramente próximo! Aproximou-se do homem de modo definitivo. Está entre nós e está dentro de nós.

A proximidade do Reino de Deus reside, antes de mais, no facto de Deus ter vinho e ter assumido a natureza humana. Está próximo em Cristo; está próximo por meio de Cristo. N'Ele, com efeito, o Reino está tão perto de nós, que, em certo sentido, se torna difícil imaginar uma aproximação maior e mais íntima. Poderia Deus estar mais próximo do homem do que fazendo-Se Homem?

Estando assim tão próximo, em Cristo, nosso Senhor e Salvador, o Reino de Deus está sempre diante do homem. É proposto aos homens, como uma missão a realizar, uma meta a alcançar. Nas diversas dimensões da sua existência, os homens podem, pois, aproximar-se dele ou dele afastar-se. Antes de mais, podem chegar a alcançá-lo em si próprios, e realizá-lo dentro de si.

Mas podem também perdê-lo de vista, desviar-se da sua perspectiva. Podem até actuar contra ele. Podem mesmo propender para afastá-lo do homem; podem afastar o homem dele, e subtrair-lho.

E no entanto, Cristo veio ao mundo para introduzir os homens no Reino de Deus, para inserir o Reino nos corações dos homens e no meio deles. Mais: Cristo confiou mesmo este Reino aos homens. Chamou-os para o trabalho pelo Reino de Deus. E este trabalho tem o nome de evangelização.

2. A palavra “evangelização” vem de “Evangelho”, que significa “Boa Nova”. O Reino de Deus constrói-se sobre este fundamento da Boa Nova. Mais ainda: ele mesmo é Boa Nova. É o Anúncio da salvação definitiva do homem. E aqui, poder-se-ia perguntar: o que é a “salvação”?

Detenhamo-nos nas palavras de Isaías, ouvidas na primeira leitura da Santa Missa de hoje: “O espírito do Senhor repousa sobre mim, porque o Senhor me ungiu. Enviou-me a levar a boa nova aos que sofrem, a curar os de coração triste, a anunciar a libertação aos cativos e aos prisioneiros a liberdade, a proclamar um ano de graça do Senhor” (*Is.* 61, 1-2).

Estas palavras do Profeta permaneceram muitos séculos à espera do momento de serem lidas, na sinagoga de Nazaré, por Aquele que era tido como o “Filho do Carpinteiro”: Jesus de Nazaré. E Ele, depois de as ler, disse: “cumriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir com os vossos ouvidos” (*Luc.* 4, 21).

As palavras de Isaías, que Jesus de Nazaré tomara como programa da sua missão, contêm precisamente a boa nova acerca da salvação.

O que é pois a salvação? É a vitória do bem sobre o mal, realizada no homem, em todas as dimensões da sua existência. A própria superação do mal já tem um carácter salvífico. A forma definitiva da salvação consistirá para o homem em libertar-se completamente do mal e em alcançar a plenitude do bem. Esta plenitude chama-se e é de facto a salvação eterna. Realiza-se no Reino de Deus como uma realidade escatológica de vida eterna. É uma realidade do “tempo futuro” que, mediante a cruz de Cristo, se iniciou na sua Ressurreição.

Todos os homens são chamados à Vida eterna. São chamados à salvação.

Tendes consciência disto? Tendes consciência disto vós, jovens meus amigos: que todos os homens estão chamados a viver com Deus e que, sem Ele, perdem a chave do “mistério” de si mesmos?

3. Esta chamada à salvação é trazida por Cristo. Ele tem para o homem “palavras de vida eterna” (Jo. 6, 68); e dirige-se ao homem tal qual é, situado em circunstâncias muito variadas: dirige-se ao homem concreto que vive na terra. Dirige-se particularmente ao homem que sofre, no corpo ou na alma.

Ele vem, como ouvimos na primeira leitura, a “consolar os que choram... a dar aos que estão tristes uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria em vez de luto, glória em vez de desespero” (Is. 61, 2-3).

Mas dirige-se também a vós, jovens!

Sim, a vós *jovens*: porque no vosso espírito está impressa, de modo particular, a problemática essencial da salvação, com todas as suas esperanças e tensões, sofrimentos e vitórias.

É sabido quanto vós sois sensíveis à tentação entre o bem e o mal, que existe no mundo e em vós próprios. No íntimo de vós mesmos, sofreis ao ver o triunfo da mentira e da injustiça; sofreis, por vos sentiredes incapazes de fazer triunfar a verdade e a justiça; sofreis, por vos descobirdes, ao mesmo tempo, generosos e egoístas. Desejaríeis servir e colaborar sempre com as iniciativas em favor dos oprimidos, mas... sentis-vos traídos por tantas coisas e aliciados por outras que vos quebram as asas. Espontaneamente sois levados a rejeitar o mal e a desejar o bem. Mas, algumas vezes tendes dificuldade em ver e em aceitar que para chegar ao bem é preciso passar pela renúncia, o esforço, a luta, a cruz; sucedeu com aquele jovem que, desejando a perfeição e querendo seguir Jesus, não conseguia compreender e aceitar que era necessário renunciar aos bens materiais.

Contudo, caros jovens, para além destas tensões, possuíis uma aptidão quase co-natural para evangelizar. Porque a evangelização não se faz sem entusiasmo juvenil, sem juventude no coração, sem um conjunto de qualidades em que a juventude é pródiga: alegria, esperança, transparência, audácia, criatividade, idealismo... Sim, a vossa sensibilidade e a vossa generosidade espontânea, a tendência para tudo o que é belo, tornam cada um de vós um “aliado natural” de Cristo. Para mais, só em Cristo encontrareis resposta aos próprios problemas e inquietações. E vós sabeis porquê: Ele foi o homem que mais amou; e deixou-nos um “código” do amor, o seu Evangelho que, lido pelo Concílio, “... proclama a liberdade dos filhos de Deus; rejeita toda a escravidão, derivada, em última análise, do pecado; respeita integralmente a dignidade da consciência e a sua livre decisão; sem cessar, recorda que todos os talentos humanos devem redundar em serviço de Deus e dos homens; e, finalmente, a todos recomenda a caridade” (*Gaudium et spes*, 41).

No fim de contas, só o amor salva. E repito: a problemática da salvação – isto é, a vitória do bem sobre o mal – é um tema fundamental da vida humana. A vida do homem desenrola-se inteiramente na órbita desse apelo. Por isso, o tema “salvação” é daqueles que estão inscritos, de modo particular, na alma dos jovens. Importa saber fazer a sua leitura com perspicácia e desenvolvê-lo honestamente, em vida e obras.

4. A salvação é uma missão. Cristo veio para nos dizer que a salvação – isto é, o Reino de Deus – é uma missão. Veio também para nos ensinar como a devemos desempenhar.

Aos setenta e dois discípulos, que envia “dois a dois à sua frente, a todas as cidades e lugares onde Ele havia de ir”, Cristo diz: “A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, portanto, ao dono da messe que mande trabalhadores para a sua messe” (*Luc.* 10, 2).

A Igreja recorda-nos estas palavras frequentemente. Recorda-as, de modo particular, para nos convidar à oração pelas vocações sacerdotais e religiosas, pelas vocações missionárias.

Mas, caros jovens, não basta rezar para que o Senhor desperte vocações. É preciso estar pessoalmente atento ao apelo que Ele quiser dirigir-vos; é preciso que não falte a coragem para responder generosamente a esse chamamento. As comunidades cristãs necessitam de sacerdotes que as alimentem com a Palavra e o Corpo de Cristo, precisam da vida religiosa, que seja sinal de Deus e oblação a Deus em benefício dos irmãos. E vós não desejareis prolongar a presença do Senhor no mundo de hoje, responder aos pequeninos que buscam quem lhes parta o pão e não encontram? (Cfr. *Lam.* 4, 4)

Falar da evangelização, recordar a tarefa missionária aqui, em Portugal, é evocar um dos aspectos mais positivos da história do vosso país. Daqui saíram tantos missionários, vossos antepassados, que foram levar a Boa Nova da salvação a outros homens. Do Oriente ao Ocidente (Japão, Índia, África, Brasil...); e ainda hoje são visíveis os frutos dessa missão. E

muitos destes missionários eram jovens como vós. Como não lembrar, entre outros, aqui em Lisboa, o exemplo de São João de Brito, jovem lisboeta, que, deixando a vida fácil da corte, partiu para a Índia, a anunciar o evangelho da salvação aos mais pobres e desprotegidos, identificando-se com eles, e selando a sua fidelidade a Cristo e aos irmãos com o testemunho do martírio?

Rapazes e raparigas de Portugal: levantai os olhos e vede “a seara loirejante para a ceifa”, à espera de braços para o “trabalho”.

5. Falámos do sacerdócio, da vida religiosa e do trabalho missionário, como formas de vocação que têm importância particular em ordem à evangelização, e pelas quais a Igreja reza de modo especial. Sente-se chamada a esta oração pelas palavras do Senhor: “pedi, portanto, ao dono da messe que mande trabalhadores para a sua messe” (*Luc. 10, 2*).

Mas as palavras do Senhor Jesus acerca da “messe grande” e dos trabalhadores, devemos entendê-las num sentido ainda mais fundamental e, ao mesmo tempo, mais amplo do que o indicado pelos géneros de vocações na Igreja que acabamos de mencionar.

Falando da “messe”, da “messe grande” e dos “trabalhadores”, Cristo quer, antes de mais, fazer compreender aos seus ouvintes que o “Reino de Deus”, isto é, a “salvação”, é a grande tarefa de todo o homem. Cada pessoa deve sentir-se “trabalhador”, protagonista da própria salvação: o trabalhador que é chamado para a “messe”. Cada pessoa deve “ganhar” honestamente esta salvação. E isto é essencial também para toda a obra da evangelização.

“Messe” que dizer, portanto, realizar em si próprio a missão de evangelizar. Cada pessoa é chamada pela palavra de Deus a este género de trabalho; é chamado em especial cada jovem – rapaz ou rapariga. Não podemos evangelizar os outros, se primeiro não estamos nós evangelizados. Não podemos colaborar na salvação dos outros, se primeiro não entramos nós pelos caminho da salvação.

Encetámos esta caminhada da salvação no dia do nosso Baptismo, quando, renunciando ao mal, escolhemos o bem, em Jesus Cristo; começamos a viver a Vida Nova, fruto da sua Morte e Ressurreição. Esta Vida deve desenvolver-se sempre. Para isso, Ele ficou connosco, na Igreja: ficou especialmente nos Sacramentos; ficou na Eucaristia e na Penitência.

Vós todos, vós amigos jovens, apreciáis estas fontes da Vida? Sabeis corresponder ao convite de Jesus – o Pão da Vida! – participando conscientemente na Eucaristia, com o desejo de viver em plenitude, de vencer o mal e alcançar o bem? E, quando é necessário, por causa do pecado, da imperfeição ou da fraqueza, sabeis trilhar o caminho da conversão e da reconciliação, buscando o sacramento da Penitência, o perdão e a Vida? Formai a vossa consciência e sede fiéis ao Senhor, que ama e perdoa!

6. À medida que empreendemos o “trabalho em nós próprios”, vemos claramente que não podemos ser “trabalhadores da própria salvação”, sem pensarmos simultaneamente nos outros. O problema da própria salvação está ligado organicamente à questão da salvação dos outros. E também isto é essencial para a evangelização.

O homem começa a sua vida a receber. Ao nascer acha-se inserido num mundo feito pelos outros, principalmente pelos mais próximos: pais, irmãos e irmãs. A criança recebe aí praticamente tudo, desde o alimento até à formação. Aí aprende a falar, a caminhar e a conviver. Ao descobrir as suas riquezas e capacidades, o jovem procura ultrapassar esta fase infantil do receber para passar à fase do dar. Não se contenta com o mundo que recebeu. Quer criar o “seu mundo”. É o momento da grande opção da vida. É o momento em que se desenha e se prepara a orientação básica a imprimir ao resto da vida.

Esta passagem, do receber ao dar, da dependência ao assumir a própria responsabilidade, não se dá sem crise. Mas é sobretudo crise de crescimento e de amadurecimento. Muitas vezes o jovem não é entendido, nem se entende a si mesmo. Já não quer ser tratado como criança; mas sente que ainda não é adulto. Muitas vezes vacila no seu interior.

Por outro lado, tudo parece despertar nele: descobre os valores, o sexo, o amor e o ideal; e descobre também a verdadeira dimensão da fé. Grandiosas descobertas para vós, queridos jovens!

O mundo já não vos aparece como mito, mas como grande tarefa que se vos impõe; a vossa vida já não se apresenta apenas como dom. Torna-se empenho. A vossa atitude não se reduz a esperar tudo pronto.

Duas grandes preocupações vos interpelam, na perspectiva do futuro: a preparação para a profissão e a preparação para o estado de vida. Estas duas preocupações absorvem-vos particularmente, às vezes até à impaciência. A vossa tensão de jovens pode resumir-se entre o “já” e o “ainda não”. Já sentis responsabilidade, mas ainda não tendes oportunidades para demonstrá-la. Já quereis contribuir eficazmente para o bem comum, tanto com ideias como com obras, mas ainda não se deparam as ocasiões.

Ora é exactamente neste momento, no grande momento da opção e preparação do vosso futuro, que mais precisais de Cristo. E, guiados por Ele, podereis escolher a vossa profissão e o vosso futuro, tendo em vista o bem comum e as exigências do reino de Deus, as exigências da fé. Sois chamados a “trabalhar” na salvação dos outros ao mesmo tempo que “trabalhais” na vossa salvação. Sois chamados a ser apóstolos, a evangelizar a Boa Nova, sejam quais forem as vossas opções para o futuro.

Sede generosos: escolhei com amor e preparai-vos bem. Preparai-vos para a profissão, honesta

e dignamente; preparai-vos para o estado de vida que ireis abraçar; e se optardes pelo matrimónio, fazei-o com seriedade e com respeito por quem um dia há-de compartilhar convosco a vida e os ideais da família segundo Deus.

7. Na verdade, a “messe é grande”. Importa somente que cada um de nós se torne aquele “trabalhador” autenticamente evangélico. A “messe” indica o fruto do trabalho humano. Mas indica, ao mesmo tempo, o dom que vem até nós, por meio da criação.

A salvação que Cristo põe diante do homem como sua missão é, simultaneamente, um dom, é sobretudo um dom.

“...Ideis receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até aos confins do mundo” (*Act. 1, 8*). São estas as últimas palavras que, segundo os Actos dos Apóstolos, Cristo Ressuscitado pronunciou sobre a terra, antes da sua ascensão ao Céu. Encontramo-nos no período litúrgico que vai da Ressurreição à Vinda do Espírito Santo: por isso, tais palavras revestem-se para nós de especial actualidade.

É do Espírito Santo que os homens recebem a força para se salvarem. Isto é, a salvação que é para o homem tarefa pessoal e comunitária, há-de ser realizada com a força do Espírito Santo. Por isso, ela significa, ante de mais, um dom. É um grande dom no qual Deus partilha com o homem algo que é essencialmente Seu. Em certo sentido, “dá-Se a si mesmo ao homem”: dá-Se a si mesmo em Cristo.

Dá-Se para ser aquela força de verdade e de amor, que forma o “homem novo”, capaz de transformar o mundo: verdade que, manifestando-se como exigência da consciência e da dignidade humana, dita as opções do amor, amor que aproxima, faz união, eleva, constrói e salva, quando damos as mãos aos outros em fraternidade humana, cristã e eclesial. Dá-Se, em particular nos Sacramentos – Baptismo, Confirmação, Penitência, Eucaristia – pelos quais é conferido ou aumentado o dom que, do Cenáculo chegou até nós, como Pão da Vida e como “Força”, que nos enriquece, dia após dia, até ressuscitarmos para a Vida eterna (*Cfr. Jo. 6, 51. 58*), com Cristo, para vivermos junto do Pai.

Assim, devemos acolher sempre a salvação como um Dom, e, ao, mesmo tempo, a ela nos devemos aplicar como a uma missão.

Quanto mais consciência tivermos da grandeza do Dom, tanto mais ardentemente assumimos a missão, tanto mais a sério nos tornamos os “trabalhadores da messe”. Aqui está o fundo da questão; é esta a contextura vital da evangelização.

8. Cristo Ressuscitado chama os seus discípulos à evangelização, dizendo-lhes: “sereis minhas

testemunhas” (*Act.* 1, 8). Eis a palavra-chave!

Tornamo-nos testemunhas de Cristo, quando, como nos discípulos do Evangelho, amadurece em nós o problema da salvação, o problema do chamamento ao Reino de Deus. Quando o acolhemos, dele nos apropriamos e nos identificamos com ele. Quando ele dá forma a toda nossa vida e ao nosso modo de agir.

Jovens, rapazes e raparigas, filhos de Portugal dos nossos dias:

Olhai para tantos que vos precederam no passado, também eles filhos desta Pátria. Filhos da sua cultura e da sua língua. Das suas provações e da suas vitórias.

Quantos deles responderam, com a doação total da vida, ao apelo de Cristo! Da Rainha Santa Isabel a João de Deus, de António de Lisboa a João de Brito – para falar só de santos canonizados – por caminhos diferentes, todos eles se moveram na caridade de Deus, enamorados do ideal da verdade e do amor, movidos pelo Espírito e Cristo. E quem poderá dizer, perante o vosso entusiasmo e alegria, que os jovens portugueses de hoje são menos interessados, menos disponíveis e menos atentos a Cristo que os do passado? Sim, Cristo confia em vós! A Igreja confia em vós! O Papa confia em vós!

Acolhei, amados jovens, acolhei uma vez mais o chamamento de Cristo: Sede testemunhas d’Ele!